

E nós, depois?



» JOSÉ SARNEY
Ex-presidente da República,
escritor e imortal da Academia
Brasileira de Letras

O último livro do Yuval Harari que eu li, *Nexus*, me assustou. Ele nos diz que vem aí, daqui a 200 anos, uma civilização que vai substituir a nossa, a dos computadores, e que essa civilização terá outros sentimentos que não os nossos. O amor não será o nosso, nem o ódio, nem o perdão. Nem as crenças serão as nossas. E ainda que, como hoje temos as nossas mitologias, essa civilização também terá as suas, e por aí ocorrerá a extinção dos humanos como eles são hoje, substituídos por uma fornada de humanos que terão outras emoções, diferentes das nossas. É de alarmar. Não será mais para mim nem para nós! Ninguém do nosso tempo verá isso.

Lembro-me de uma anedota, entre as muitas que ouvi em Roma, quando do Concílio do Vaticano II, que se contava de dois cardeais que se dirigiam para a reunião, eles bem velhos, um disse para o outro: “Devemos nos levantar para extinção do celibato na Igreja Católica.” O outro respondeu: “Mas não será mais para nós, não é?” Ao que seu interlocutor, acrescentou: “Mas será para nossos filhos”.

No nosso caso, nem para os filhos dos nossos filhos.

Mas quando eu pensei nessa gente daqui a duzentos anos, tive muita pena deles. Não assistirão ao jogo do Flamengo contra o Chelsea, nem ao carnaval do Rio, nem à festa de Nazaré em Belém, nem ouvirão *O peba na pimenta*, do João do Vale, nem *O siri jogando bola*, do Luiz Gonzaga, nem poderão

ver o Lula vencendo na eleição o José Serra, nem o programa do Chacrinha — e também não poderão chorar a tristeza de uma saudade, como a que sinto do arcebispo e cardeal de Brasília Dom Falcão.

Eu quis experimentar como será esse novo humano: coloquei-me em frente do meu computador e entrei no futuro: havia 12 dedos em minhas mãos — seis dedos em cada mão, como *O homem que matou Getúlio Vargas*, “descoberto” por Jô Soares —, e meu computador não usava mais o sistema binário, de zero e um. Era um algoritmo que fazia o papel de zero e outro que fazia o do um. O sistema binário havia desaparecido, substituído por uma nova linguagem em que não tínhamos mais zeros. Como não existir zero, número do nada que passa a ser tudo a partir do 10, 200 etc.? Ainda com minha “roupa de futuro”, vi que o registro dos séculos estava escrito com cinco dígitos! A partir daí, eu não entendi mais nada, saí da máquina imaginária, que também não era mais o meu computador.

Mas essa gente do futuro, de qualquer maneira, vai ter que opinar e também ficará revoltada com essa matança em Gaza. Lembro-me do romance de Huxley, *Sem olhos em Gaza*, muito diferente da realidade de hoje, com grande crítica da sociedade, a descrição da vida de Anthony Beavis, sua conversão e um grande sentimento de paz.

O que há de verdade no livro do Harari? Tudo e nada. Tudo porque diz dos avanços da era digital. Nada, porque faz previsão do que acontecerá com a nova tecnologia sem que se possa basear em nada de concreto.

A descoberta dos computadores data dos anos 1960. Em 1980, começou a ter um desenvolvimento tecnológico extraordinário até chegarmos aos dias atuais em que entramos na era da inteligência artificial (IA). E é a grande moda — para não dizer, a grande preocupação dos cientistas — antever o que acontecerá com as IAs, até saber se as máquinas se

revoltam, ou não, contra o criador, no velho ditado popular de que toda criatura se revolta contra o seu criador. Isso, na nossa civilização, na política, é lei: acontece sempre. Não só na política, como também na administração pública.

Quando eu era presidente da República e tinha que escolher em uma lista tríplice para nomear uma autoridade maior — ministros dos tribunais superiores, presidentes do Banco Central, de agências e demais cargos —, o José Hugo, então chefe da Casa Civil, me advertia: “Aqui está uma lista para o senhor escolher um nome. Naturalmente, dois ficarão zangados porque preteridos, e o nomeado será um traidor, porque vai dizer sempre que nada deve ao senhor, e, sim, aos próprios méritos. Então, o senhor terá dois inimigos e um traidor”.

O que há de verdade é que os computadores já estão conversando entre eles mesmos, sem dar bola aos seus criadores nem aos provedores que os alimentam.

As operações financeiras de mais de sete trilhões de dólares, diariamente, têm mais de 90% de suas operações feitas por computadores — uns falando com outros computadores e chegando a encontrar o valor do câmbio.

Como anotou Harari, “em 2017, só os homens podiam disseminar mensagens anônimas on-line. A partir do ano passado, sofisticação linguística e política similares podem facilmente ser compostas por computadores, independentemente da interferência dos homens.”

Assim os computadores já estão independentes e podem fazer tudo. Não dependem mais de nós. Péssima notícia.

Mas eles precisam de muita energia. E isso depende de nós.

É verdade que essa turma não precisa aturar o Trump com suas vacilações.

E nós, depois? Vamos torcer pelo Flamengo, e os algoritmos vão chupar dedo!

Qual futuro nos aguarda?



» ORLANDO THOMÉ CORDEIRO
Consultor em estratégia

Curiosidade e inconformismo, duas características marcantes de nós, seres humanos, sempre foram fatores catalisadores de ações responsáveis por grandes descobertas e invenções ao longo dos séculos, manifestando-se de diferentes maneiras nas mais diversas áreas. Um exemplo é o desejo de conhecer, previamente, futuro e, da mesma forma, poder voltar no tempo para ter a oportunidade de testemunhar o que aconteceu no mundo em eras anteriores. Esse tema foi matéria-prima para obras literárias e cinematográficas.

É o caso do livro *A máquina do tempo*, de H. G. Wells, cuja primeira edição data de 1895. Esse clássico da literatura foi fonte de inspiração para alguns filmes produzidos no século passado, destacando-se o primeiro deles, com o mesmo título, lançado em 1960, dirigido por George Pal e estrelado por Rod Taylor, Alan Young e Yvette Mimieux.

Outra obra cinematográfica, lançada em 1985, foi *De volta para o futuro*. O roteiro original de Bob Gale e Robert Zemeckis já despertava o interesse a partir do título, que representava uma contradição em termos. O sucesso foi estrondoso, e os estúdios produziram mais dois, criando uma trilogia icônica.

Ao me lembrar dessas histórias, pensei: se pudéssemos viajar no tempo, o que veríamos no cenário político brasileiro daqui a cinco anos? Será que ainda estaremos sob a égide da polarização Lula x Bolsonaro? Considerando a situação atual dos dois, a tendência é de que, até lá, provavelmente estejam pendurando as chuteiras. E quem poderá assumir o protagonismo político-eleitoral? Resolvi fazer um breve levantamento de quem, nesse futuro próximo, tivesse, no máximo, 50 anos de idade. Somei a esse critério a diversidade do espectro de pensamento ideológico.

O primeiro nome que me ocorreu foi João Campos, prefeito do Recife e recém eleito presidente nacional do PSB. Com 31 anos, tem uma presença de destaque no cenário brasileiro. Revela uma habilidade ímpar para dialogar com todos os campos sem perder a identidade autodeclarada de esquerda.

No lado oposto, encontramos o deputado federal Nikolas Ferreira. Hoje com 29 anos, foi nacionalmente o mais votado em 2022. Assumidamente de direita, em seu mandato tem se notabilizado por estimular o confronto nas redes sociais, demonstrando uma enorme competência na utilização delas.

Viajando na máquina do tempo até o sul do país, encontramos Eduardo Leite, 40 anos, o primeiro governador reeleito no Rio Grande do Sul. Sua vitória ganha contornos ainda mais relevantes porque, em um estado majoritariamente conservador nos costumes, concorreu declarando ser gay.

Com a mesma idade, temos outro Eduardo, o Bolsonaro, que cresceu politicamente à sombra do pai, mas foi adquirindo luz própria ao se articular com grupos de extrema-direita de vários países. Tendo sido o deputado federal mais votado em 2018, na eleição seguinte viu seu desempenho ter uma queda de 60%. Deverá ser reeleito com folga, mas resta saber se em 2030 continuará em evidência ou terá sido trágico pela saída de cena de seu pai.

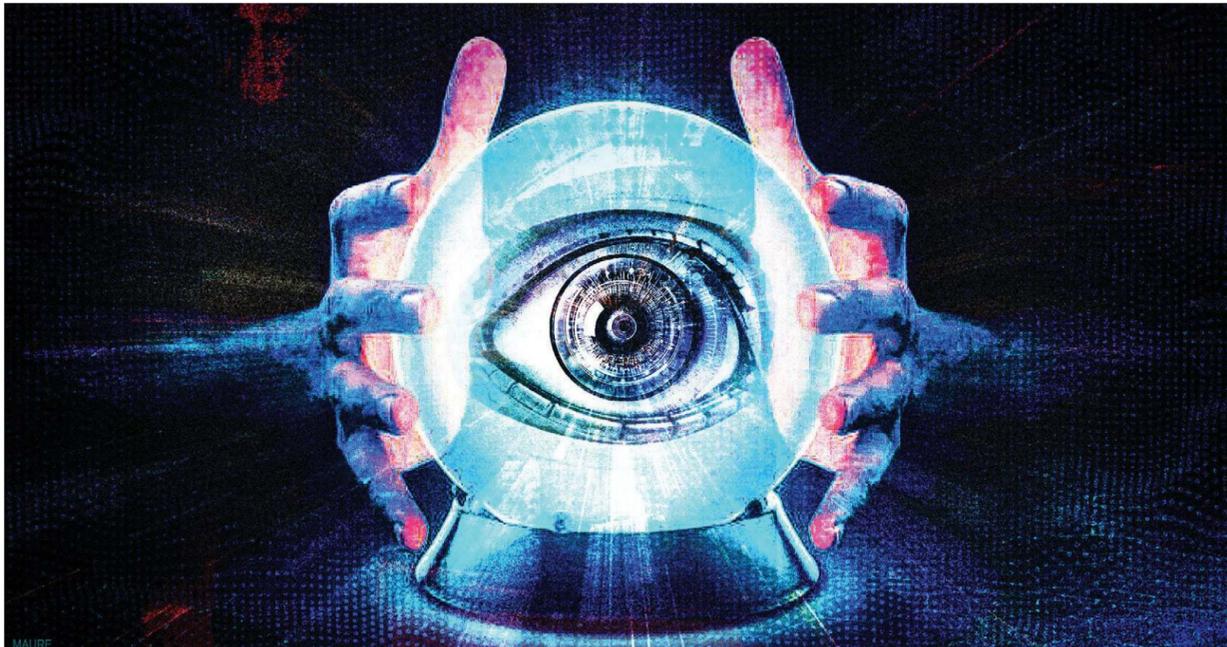
Na mesma família, há o senador Flávio, com 44 anos. Defensor intransigente das mesmas pautas do pai e dos irmãos, caracteriza-se por ser menos belicoso, segundo testemunho de lideranças de diversas tendências. Como as pesquisas indicam que deverá ser reeleito em 2026 para mais oito anos de mandato, tem chance de continuar sendo relevante, mas também poderá ser afetado negativamente em razão da situação do pai.

Um pouco mais novo, o deputado federal Guilherme Boulos (43), apesar de não ser filiado ao PT, tem atuado na Câmara como um parlamentar governista. Essa atuação aparenta fazer parte de um reposicionamento de imagem de olho no projeto de se tornar o herdeiro político de Lula. No entanto, a maior dificuldade é superar seu histórico índice de rejeição que, até aqui, o tem impedido de alcançar vitórias em pleitos majoritários.

Os seis nomes acima estão longe de representar o universo de quem poderá assumir o protagonismo a partir de 2030. A ideia é provocar uma reflexão sobre o que o futuro nos reserva, sem esquecer do impacto que, certamente, representará o resultado das eleições gerais do próximo ano. Afinal, não se pode descartar a presença de uma parte significativa da sociedade descrente da política e dos políticos, o que é um caldo de cultura propício à implantação de regimes autocráticos.

Por fim, mantenho a esperança de que possamos superar a atual situação em que a opção de voto tem sido comandada pela rejeição a um dos lados. Infelizmente, nessa minha viagem imaginária ao futuro ainda não foi possível confirmar essa mudança.

Maurenilson Freire



Educação integral no novo PNE: o lugar das competências socioemocionais



» ISRAEL MATOS BATISTA
Conselheiro da Câmara de
Educação Básica do Conselho
Nacional de Educação,
ex-deputado federal e distrital

O término da vigência do atual Plano Nacional de Educação (PNE) impõe a redefinição do futuro educacional brasileiro. É crucial agir com urgência para impulsionar o ensino e enfrentar os desafios diários da escola, reafirmando o compromisso com uma educação conectada às vivências dos estudantes e ao mundo contemporâneo, integrando a dimensão socioemocional.

A educação do século 21 exige um diálogo com as dimensões emocionais e sociais humanas. A inclusão estruturada de competências como empatia, resiliência, escuta ativa e cooperação representa um avanço significativo. Inovação não se restringe a tecnologias, manifestando-se primordialmente na qualidade das relações e na forma como nos conectamos com a realidade. Nesse sentido, o desenvolvimento socioemocional é decisivo.

O novo PNE é uma oportunidade estratégica para consolidar essa visão. A integração de competências socioemocionais não deve ser um adendo, mas parte fundamental da aprendizagem integral, coexistindo com os conteúdos acadêmicos e ampliando o alcance do ensino sem desviar seu foco.

Matemática e empatia, história e autoconhecimento podem, e devem, enriquecer mutuamente a experiência educacional.

Para materializar essa abordagem, ela deve permeiar toda a trajetória escolar, da primeira infância ao ensino médio, integrando-se aos componentes curriculares, projetos de vida e itinerários formativos, fortalecendo o planejamento pedagógico tradicional com maior propósito e conexão com a realidade dos estudantes.

Os professores são os protagonistas nesse processo, identificando contextos, construindo estratégias e transformando conteúdos em experiências significativas. Reconhecer e valorizar esse papel é indispensável para a eficácia de qualquer política educacional.

Quando os estudantes desenvolvem habilidades socioemocionais, como lidar com frustrações, comunicar-se claramente, trabalhar em equipe e exercitar a empatia, eles não só adquirem competências pessoais, mas também uma postura mais aberta ao conhecimento. O ambiente de sala de aula melhora em clima, engajamento e significado, tornando o aprendizado mais profundo, contextualizado e duradouro.

Muitas escolas e educadores já incorporam práticas socioemocionais intuitivamente. O desafio é construir políticas públicas que legitimem, orientem e sustentem essas ações, exigindo investimento em formação continuada, produção de materiais de apoio, estímulo à escuta da comunidade escolar e criação de espaços institucionais que favoreçam essa integração.

Nesse contexto, torna-se imprescindível que

o relator, deputado Moses Rodrigues (União/CE), bem como os demais membros da Comissão Especial do Novo Plano Nacional de Educação (PNE) na Câmara dos Deputados, considerem a inserção explícita, no relatório final, do compromisso com a promoção do desenvolvimento socioemocional das crianças desde a etapa da educação infantil.

Como contribuição concreta, propõe-se a reformulação da Estratégia 2.4, no eixo de Qualidade da Educação Infantil, para: “Garantir o acesso a uma diversidade de recursos que favoreçam a ampla participação das crianças, tais como brinquedos, livros, materiais pedagógicos, jogos de raciocínio, áreas de contato com a natureza e espaços internos e externos devidamente organizados, assegurando a adoção de metodologias que promovam o desenvolvimento cognitivo, socioemocional e a capacidade de resolução de problemas”.

A escola contemporânea deve enxergar o ser humano em sua complexidade. Um estudante que compreende o contexto histórico de um conflito e, ao mesmo tempo, ouve e acolhe o outro, terá uma visão de mundo mais crítica, sensível e propositiva.

Temos a chance de consolidar uma concepção mais integrada de educação, que dialogue com a Base Nacional Comum Curricular e promova, concretamente, a formação de cidadãos plenos e emocionalmente saudáveis. A inovação necessária exige reconhecer a educação como um processo profundamente humano, onde conhecimento e emoção se entrelaçam. Ensinar é, antes de tudo, ajudar o outro a se tornar mais completo, e isso, sem dúvida, começa pela escola.